

1967
1987

José Manuel
Gómez y Méndez

**VEINTE
AÑOS**

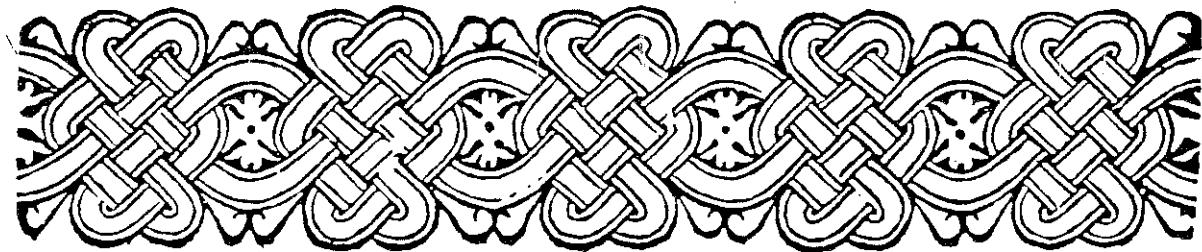
Antología

**Edición bilingüe
español-portugués**

© José Manuel Gómez y Méndez.
Traducción: Lola Cucala Feu.
Edición patrocinada
por el Polo Industrial de Huelva.
Depósito Legal: H-236-87
I.S.B.N.: 84-398-9822-3
Primera edición: abril de 1987.
Impreso por Artes Gráficas Girón.

INTRODUCCION

INTRODUÇÃO



Me tem custado trabalho dar à imprensa esta antologia. Depois da chegada da ideia, pensei-a reiteradas vezes. Determinei editá-la porque com ela fecho uma etapa criativa vital. Vinte anos, quasi meia vida da que agora tenho. Oxalá os horizontes vindouros sejam mais humanos, mais verdadeiros.

Nestas páginas o leitor encontrará uma poética desde ontem até hoje; lógicamente poderá observar desníveis, mas sem achará uma permanente preocupação pelo ser humano e o seu destino. A seleção não foi temática senão por coincidência das paisagens inspirativas. Palpitacões simples ante os feitos da minha sociedade circundante.

Não há prólogo, não há apresentação, sómente estas palavras justificativas para agradecer-te, leitor, a sua leitura a reconhecer a minha gratidão a quantos fizeram possível a sua edição.

Que o futuro seja mais vivo, mais gratificador para todos! Sentir-me-ia muito feliz se não nos ata relógio e podemos solidarizar-nos na palavra AMOR.

J. M. B. y M.

Me ha costado trabajo dar a la imprenta esta antología. Tras llegar la impronta de la idea, la pensé reiteradas veces. Decidí imprimirla porque con ella cierra una etapa creadora vital. Veinte años, casi media vida de la que ahora poseo. Djalá los horizontes venideros sean más humanos, más verdaderos...

En estas páginas encontrará el lector una poética desde el ayer al hoy; lógicamente podrán observarse desviaciones, pero si hallará una permanente preocupación por el ser humano y su destino. La selección no fue hecha temática sino que coinciden las partes inspirativas. Palpitaciones sencillas ante los hechos de mi sociedad circundante.

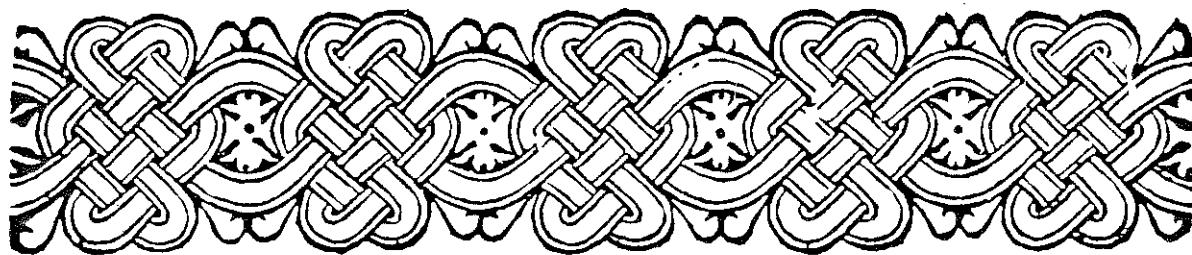
No hay prólogo, no hay presentación, tan sólo estas palabras justificativas para darte a ti, lector, las gracias por su lectura y reconocer mi agradecimiento a quienes hicieron posible su edición.

¡Qué el devenir sea más vivo, más gratificante para todos! Me sentiría tremendamente dichoso si no nos ata el reloj y podemos solidarizarnos en la palabra AMOR.

J. M. G. y M.

I

(1967)



A manhã já voltou,
sumida num manto branco,
tapado por gris escuro.
Os seres ainda na cama.

Chuva. Chuva. Chuva...
Ouço o chiar ao passo
do ônibus das oito
e a chafinhada temida.

Terras e mais terras.
Sair de homens, molhando-se,
para lavrarem os termos
para as coisas nossas...

Ha vuelto la mañana,
sumida en un manto blanco,
tapado por gris oscuro.
Los seres aún en cama.

Lloría. Lloría. Lloría...
Oigo el crujir al paso
del omnibus de las ocho
y el chapoteo temido.

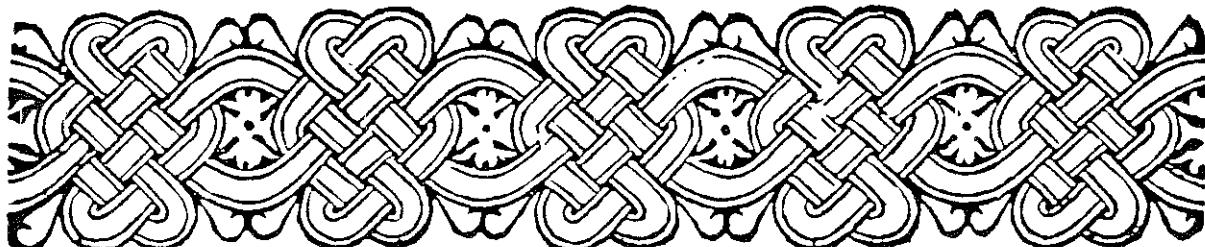
Tierras y más tierras.
Salir de hombres, mojándose,
para labrar los ^{termos} terminos
para las cosas nuestras...

II

¿QUIEN SOY?

QUEM SOU?

(1968)



Não sei quem sou eu...
Acaso um que vague pelo mundo...,
que não tem rumo nem destino...
Fui da vida dócil e prazenteira.
Quero submergir-me no nada,
no que jamais houvesse nem existisse.

Desejaria voar
como passarinhos perspicazes a seus ninhos.
Saltar e correr.
Estou a inquirir a seriedade
e o silencioso.
Dar o meu peito contra o arduo,
subunso, perene..., até o eterno.

Apetego sair do direito,
estado e corrupto mundo.
Mas como?
O ser não pode viver só com Deus
mas isolado dos seus irmãos.
Não sei quem sou...
Anelo muito,
será possível...?
Não me conheço...

Qué sé yo quién soy...
Quizás uno que vaga por el mundo...,
que no tiene rumbo ni destino...
Huyo de la vida dócil y placentera.
Quiero hundirme en la nada,
en lo que jamás hubiese ni existiera.

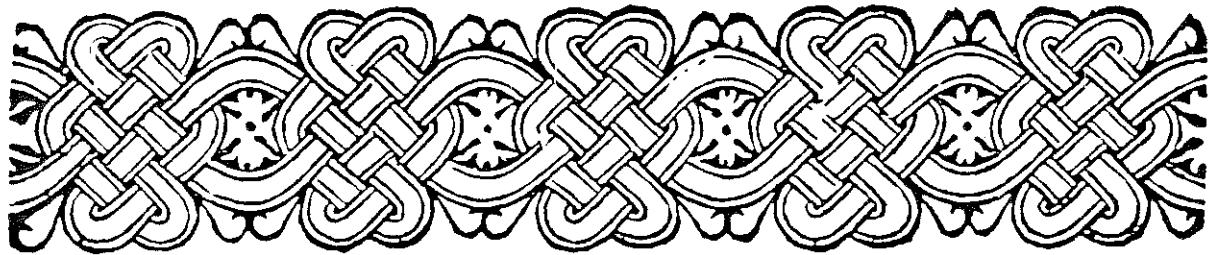
Desearía volar
como pajarillos perspicaces a sus nidos.
Saltar y correr
Inquieto la seriedad
y lo silencioso.
Dar mi pecho contra lo arduo,
sumiso, perenne..., hasta lo eterno.

Apetezco salir del correcho,
catado y corrupto mundo.
¡Pero cómo?
El ser no puede vivir sólo con Dios
y aislado de sus hermanos.

No sé quién soy...
Anhelo mucho,
¿me será posible...?
No me conozco...

III

(1969)



Não redobram os timbales,
a rva já é angústia
e dor, a tristeza...

Calai, companheiros,
que a verdade vence à mentira,
que o egoísmo troca-se humanismo,
que a inveja transmuda-se a amor.

Calai, todos,
que o abraço fraterno
já é mensagem verdadeira.

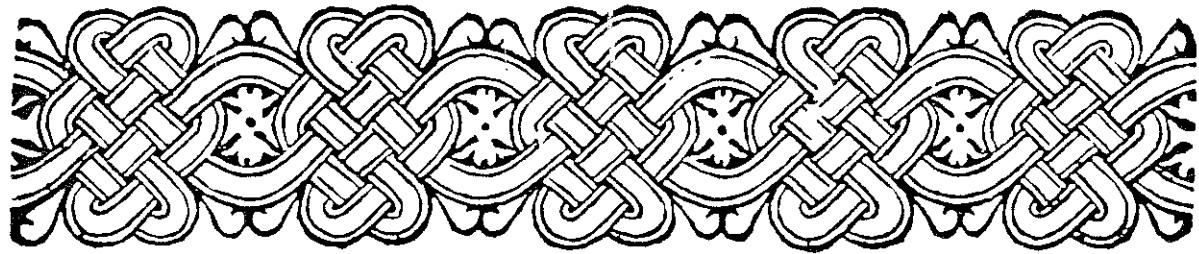
No redoblan los timbales,
ya la calle es angustia
y dolor, la tristeza...

Callad, compañeros,
que la verdad vence a la mentira,
que el egoísmo se hace humanismo,
que la envidia se transmuta a amor.

Callad, todos,
que el abrazo fraterno
es ya mensaje verdadero.

IV

(1970)



Meu povo, amigos, está morto.
Vive em letargo de anos profundos
sem sentidos e amor aberto,
sem visão ao futuro do mundo.

Sinto a funda tristeza de meu povo.
Meu coração encerra o lamento
que a sua Sinal faz no meu estábilho,
cheio de dor e sofrimento.

As lágrimas embargam a minha alma
pelos horrores vazios sem vida...
Todo recanto carregado de calma
poderá ter a eterna olhada...

Creio na prometida esperança
para caminhar da pobreza
e resplandecer com as riquezas
sem vaidade e com grande pureza.

Meu povo, amigos, está morto.
Há muita miséria no seu reino,
vazio como grande deserto.
Homens carregados de venenos.

Brilhará o resplendor dos astros
e as suas trevas marcharão pronto
para não dizer-vos:
meu povo, amigos, está morto.

Uⁿo pueblo, amigos, est^a muerto.
Vive en letargo de a^{ños} profundos
sin sentido y amor abierto,
sin visi^{ón} al futuro del mundo.

Siento la honda plaga de mi pueblo.
Mi corazón encierra el lamento
que su señal produce en mi estallo,
lleno de dolor y sufrimiento.

Las lágrimas embargan mi alma
por las horas vacías sin nada...
Todo rincón cargado de calma
podrá tener la eterna mirada...

Creo en la prometida esperanza
para caminar de la pobreza
y resplandecer con las riquezas
sin vanidad y con gran pureza.

Uⁿo pueblo, amigos, est^a muerto.
Hay mucha miseria en su reino,
vacío como grande desierto.
Humanos cargados de venenos.

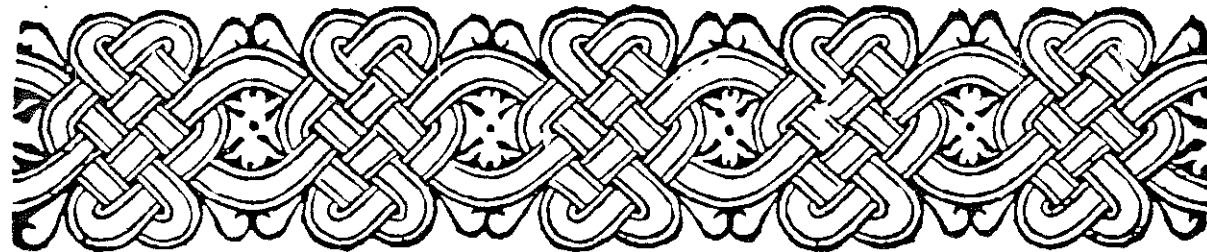
Brillará resplandor de los astros
y su finiebla marchará pronto
para no deciros a vosotros:
Uⁿo pueblo, amigos, est^a muerto.

V

NUEVA CIFRA EN MI VIDA

NOVA CIFRA NA MINHA VIDA

(1971)



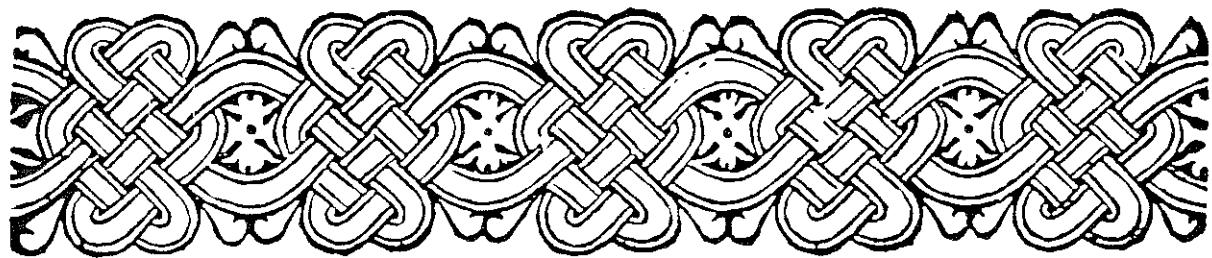
Hoje faço anos
e... para quê?
Para quê caminhar pausadamente
com olhar perdido o talvez meditabundo.
Para quê ter de contemplar
a dois homens que falam a meia voz
e parecem estar a despedazar alguém.
Para quê escutar o ruído do vento
no som das folhas dos eucaliptos.
Para quê pensar que amanhã
será um novo dia
quando talvez possa morrer esta noite.
Para quê ouvir o riso dos rapazes
e o aplauso das moças.
Para quê observar atrás
si não cravar-me um punhal
e não tenho defesa.
Para que olhar ao derredor
si ninguém vai tirar-me
das minhas desgraças e podridão.
Para quê sentir-me um homem
si pode chegar a roer o meu corpo
a vaidade e a mentira.
Para quê faço anos
si o meu fim está fixado
no destino dos tempos.
Para quê serve entregar-me aos meus irmãos
si à sociedade só importa o dinheiro.
Para quê tanto estudar
si ao final faltam postos de trabalho.
Para quê perguntar-me tantas coisas
si depois não servem para nada...

Es mi cumpleaños
y... ¿para qué?
Para qué caminar pausadamente
con ojos perdidos o quizás meditabundo.
Para qué tener que contemplar
a dos hombres que hablan en voz baja
y parecen estar despedazando a alguien.
Para qué escuchar el ruido del viento
en el crujir de las hojas de eucaliptos.
Para qué pensar que mañana
será un nuevo día
cuando quizás pueda morir esta noche.
Para qué oír el reír de los muchachos
y el palpitio de las chicas.
Para qué observar atrás
si me van a clavar un puñal
y no tengo defensa.
Para qué mirar alrededor
si nadie va a sacarme
de mis desgracias y podredumbres.
Para qué sentirme hombre
si puede llegar a roerme el cuerpo
la vanidad y la mentira.
Para qué cumplir años
si mi fin está fijado
en el destino de los tiempos.
Para qué sirve entregarme a mis hermanos
si a la sociedad sólo le importa el dinero.
Para qué tanto estudiar
si al final faltan puestos laborales.
Para qué me pregunto tantas cosas
si después no sirven para nada...

VI

POETA-SOLDADO

(1972)



Qué faz um poeta
com um arma de fogo?

Anvia-se a sua mente
e o diais são negridão
sem esperança.

Massifica-se a sua palavra
o e seu canto fica rasgado
no olvido da manhã.

As suas mãos tremem
e a sua vontade fica
despersonalizada.

Qué faz um poeta
com um arma de fogo?

Ei não sei nada.

Sómente tenho pena
e bato no meu peito
para unir-me na dor
com esse poeta,
meu amigo,
sem esperança.

¿Qué hace un poeta
con un arma de fuego?
Se nubla su mente
y los días son negritud
sin esperanza.
Se masifica su palabra
y su canto queda rasgado
en el olvido de la mañana.
Sus manos tiemblan
y su voluntad queda
despersonalizada.

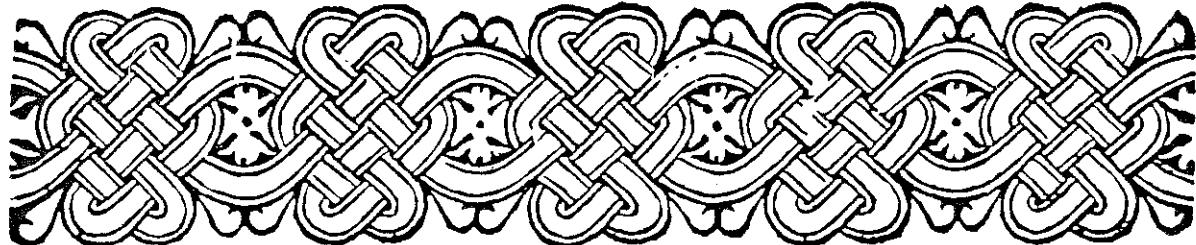
¿Qué hace un poeta
con un arma de fuego?
Yo no sé nada.
Tan sólo me da pena
y golpea mi pecho
para unirmé en dolor
con ese poeta,
amigo mío,
sin esperanza.

VII

DE LA CAPITAL A LA ALDEA

DA CAPITAL A ALDEIA

(1973)



Uma capital qualquer.

Um dia qualquer.

Uma hora qualquer.

A vida avança.

As ruas são acelerações.

O homem está perdido

numa massificação de corpos.

Ninguém olha para ninguém.

Andar, subir,

correr, sair...

Mariuetas da vida.

Actores da hora.

Materialismo do minuto...,
do presente, do momento.

Uma cidade qualquer.

Um dia qualquer.

Uma hora qualquer.

Um grupo de jovens conversam
sob o sol dumha praça.

A mãe tem conta

dos primeiros passos do seu filho.

Apertam-se duas mãos amigas
numa rua qualquer.

E o homem avança e quer ver
mas o egoísmo alheio mata-o

Um povo qualquer.

Um dia qualquer.

Uma hora qualquer.

.../...

Uma aldeia qualquer.

Uma dia qualquer

Uma hora qualquer

O homem é homem.

A prontidão está varada.

Os meninos brincam.

No taberna,

os homens conversam.

os velhos ficam ao sol

tranquilamente na praça

Una capital cualquiera.
Un día cualquiera.
Una hora cualquiera.

La vida avanza.
Las calles son aceleraciones.
El hombre está perdido
en una masificación de cuerpos.
Nadie mira a nadie.
Andar, subir,
correr, salir...
Marionetas de la vida.
Actores de la hora.
Materialismo del minuto...,
del presente, del momento

Una ciudad cualquiera.
Un día cualquiera.
Una hora cualquiera.

Un grupo de jóvenes dialogan
bajo el sol de una plaza.
La madre ve
los primeros pasos de su hijo.
Se estrechan dos manos amigas
en una calle cualquiera.
Y el hombre avanza queriendo ver
y el egoísmo ajeno le mata.

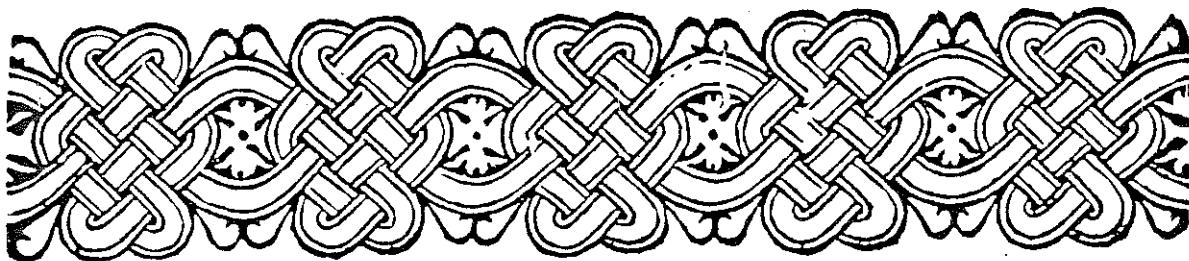
Un pueblo cualquiera.
Un día cualquiera.
Una hora cualquiera.

Los niños juegan.
En la taberna,
los hombres charlan.
Los ancianos toman el sofá
tranquilamente en la plaza.

.../...
Una aldea cualquiera.
Un día cualquiera.
Una hora cualquiera.
El hombre es hombre.
La promesa está varada.

VIII

(1974)



Não te dê cuidado
o que chegue
amanhã.

Falta agora
o que temos
e não penses.

Come tranquilo,
sacia o teu estômago,
amigo.

Amanhã
será outro dia

Amanhã
talvez não existamos.

Amanhã
já procuraremos dinheiro.

No te preocupes
de lo que venga
mañana.

Cena ahora
lo que tenemos
y no pienses.

Come tranquilo,
sacia tu estómago,
amigo.

Mañana
será otro día.

Mañana
quizás no existamos.

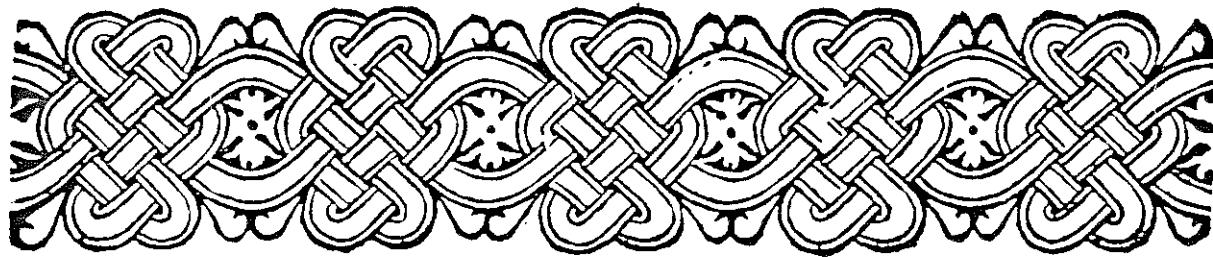
Mañana
ya buscaremos dinero.

IX

DULZURA

DOÇURA

(1975)



Escapemos
da repreensão,
do castigo,
da severa sangão
Tiremo-nos
a máscara agreste
do nosso rosto.
Sorriso no trato.
Amor...

ao último funcionário,
ao homem despregado,
à mulher censurada,
igual
que ao grande mandatário,
deemos
a palavra carinhosa.
A docura
na expressão.
O deleite
no encontro.
Surja a bondade
do nosso coração!

Huyamos
de la amonestación,
del castigo,
de la severa sanción.

Quitemos
la careta agreste
de nuestro rostro.

Sonrisa en el trato.

Amar...

Al último funcionario,
al hombre desesperado,
a la mujer tachada,
al igual
que al gran mandatario,
demos
la palabra caritosa.

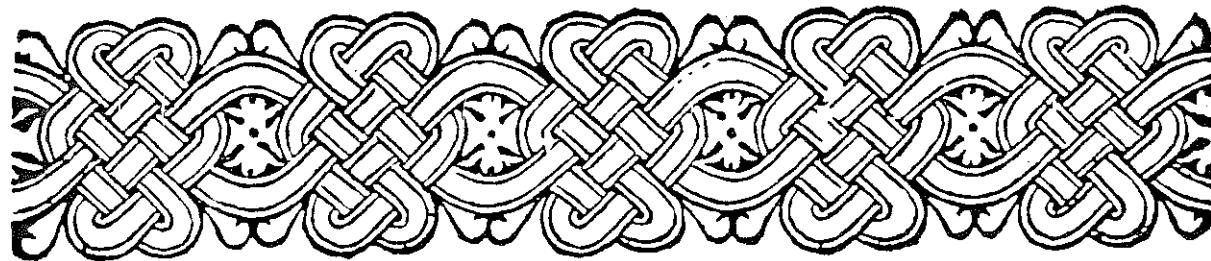
La dulzura
en la expresión.

El deleite
en el encuentro.

¡Surja la bondad
de nuestro corazón!

X

(1976)



Já virão outras metas.
Chegarão outras sendas.
Serão novas jornadas.
Não teremos quimeras,
irmãos.

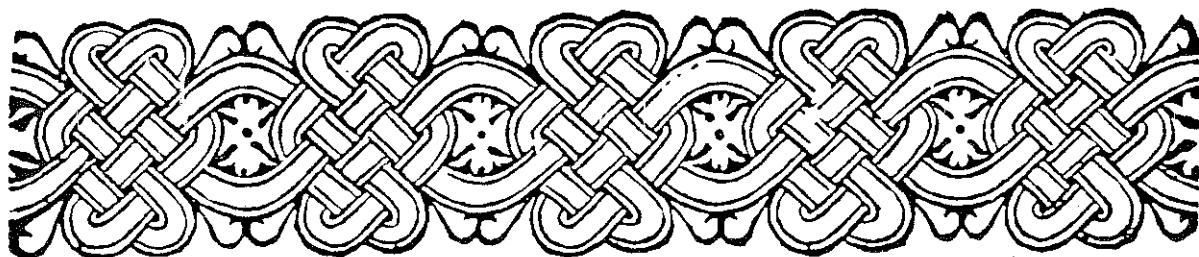
Já existirão novos trabalhos.
Vivificarão as esperanças
nas nossas ilusões.

Ya vendrán otras metas.
Llegarán otras sendas.
Serán nuevas jornadas.
No tendremos quimeras,
hermanos.

Ya elistirán nuevos trabajos.
Vivificarán las esperanzas
en las ilusiones nuestras.

XI

(1977)



Onde o humanismo?

Porque o homem
não abre o seu peito
para dar-se ao irmão.

Porque o egocentrismo
roeu as entranhas da alma.

Onde o humanismo?

Porque o aproveitamento
sobre o semelhante.

Porque abandonar
quando o amigo
está necessitado.

Onde o humanismo?

Porque não auxiliar
ao grito alheio degarrado.

Porque não olhar
aqueles olhos nu-blados.

Onde o humanismo?

Porque...

Onde o humanismo?

¿Dónde el humanismo?

Por qué el hombre
no abre su pecho
para darse al hermano.

Por qué el egocentrismo
rode las entrañas del alma.

¿Dónde el humanismo?

Por qué el aprovechamiento
sobre el semejante.

Por qué abandonar
cuando el amigo
está necesitado.

¿Dónde el humanismo?

Por qué no auxiliar
al grito ajeno desgarrado.

Por qué no mirar
hacia aquellos ojos nublados.

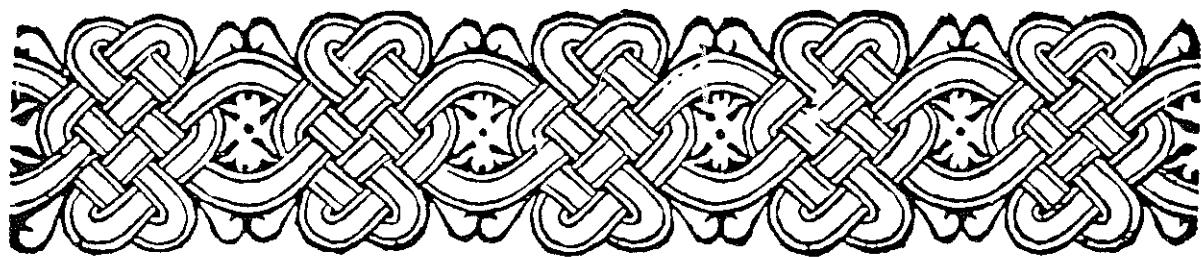
¿Dónde el humanismo?

Por qué...

¿Dónde el humanismo?...

XII

(1978)



A vida humana
é um equilíbrio
entre pensamento
e sentimento.

Tilinteio vital...

Se não pensarmos,
não poderemos sentir.

Se não sentirmos,
não existirá a realidade
de pensamento...

Tilinteio eterno...

La vida humana
es un equilibrio
entre pensamiento
y sentimiento.

Tintilines vital...

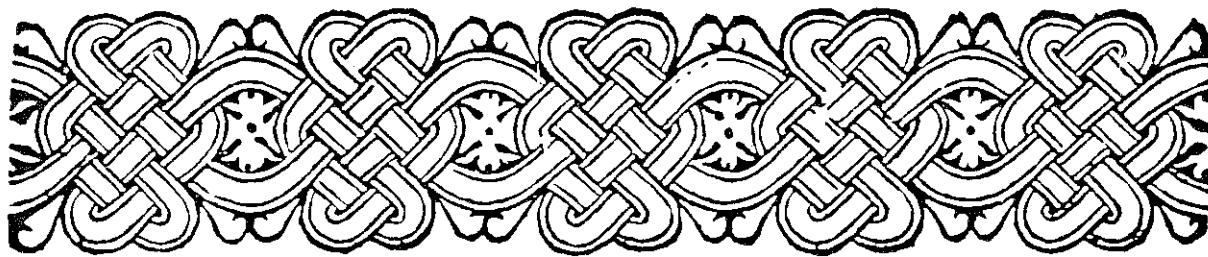
Si no se piensa,
no se puede sentir.

Si no se siente,
no existe realidad
de pensamiento...

Tintilines eterno...

XIII

(1979)



Ajudar e ser sinceros.
Para isso estão os amigos.
Esquecer as desgraças
e alegrar-se conjuntamente
nas tristezas.
Embebedar-se nas horas nocturnas,
nas madrugadas abertas,
para achar a verdade
e navegar com ela.
Para isso estão os amigos.

Ayudar y ser sinceros.
Para eso están los amigos.

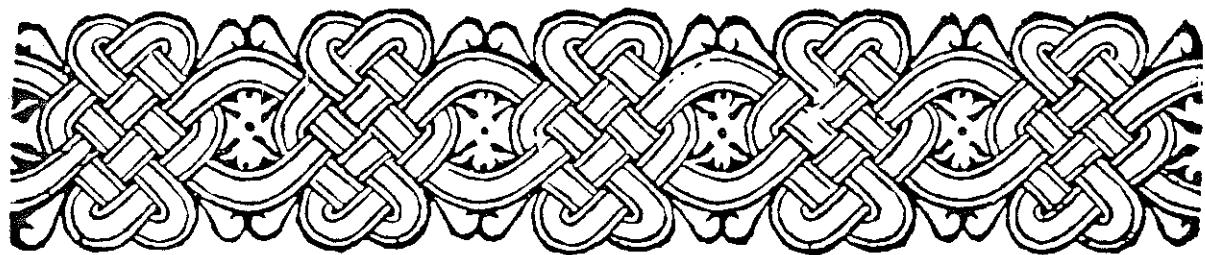
Olvidar las desgracias
y alegrarse comunamente
en las tristezas.

Emborracharse en las horas nocturnas,
en las madrugadas abiertas,
para encontrar la verdad
y navegar con ella.

Para eso están los amigos.

XIV

(1980)



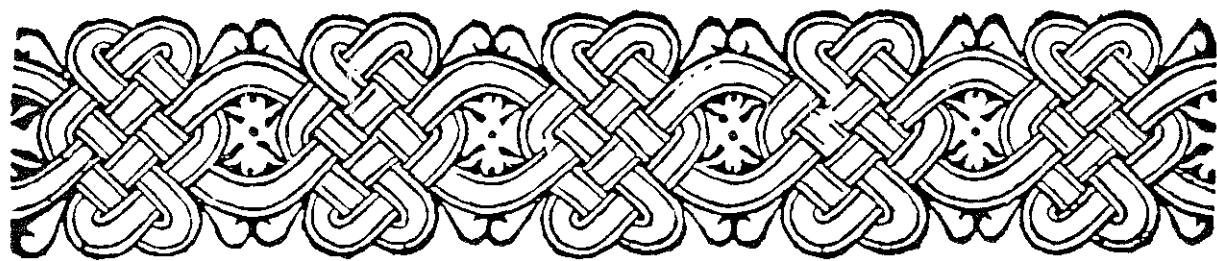
É um todo
onde posho o meu pensamento.
Só uma palavra
para procurar o princípio.
Fé y sal
para marcar o destino.

É um compromisso
dia a dia, para sempre.
É o meu nome,
tu, para o amigo.

Es un todo
donde pongo mi pensamiento.
Sólo una palabra
para buscar el principio.
Hiel y sal
para marcar el destino.
Y un compromiso
día a día, para siempre.
Y mi nombre,
desnudo, para el amigo.

XV

(1981)



Se soubesses, mulher, quanto te amo
nas tentarias abandonar-me.

Se soubesses que meu coração regozija-se
e minha alma alegra-se ante tua presença
não pretendrias maltratar-me.

Se soubesses que és o meu alento de vida
não deixarias que a tua respiração me faltasse.

Se soubesses que andei por muitos caminhos
e em ti quero deter-me,
não desejariamos afastares-te.

Se soubesses que na tua liberdade
anelo ver a minha,
lutarias por romperes as tuas cadeias.

Se soubesses..., tantas coisas,
vislumbrarias um futuro mítico.

Si supieras, mujer, cuanto te quiero,
no intentarías abandonarme.

Si supieras que mi corazón se regocija
y mi alma se alegra ante tu presencia,
no procurarías maltratarme.

Si supieras que eres mi respiro de vida,
no dejarías que tu aliento me faltase.

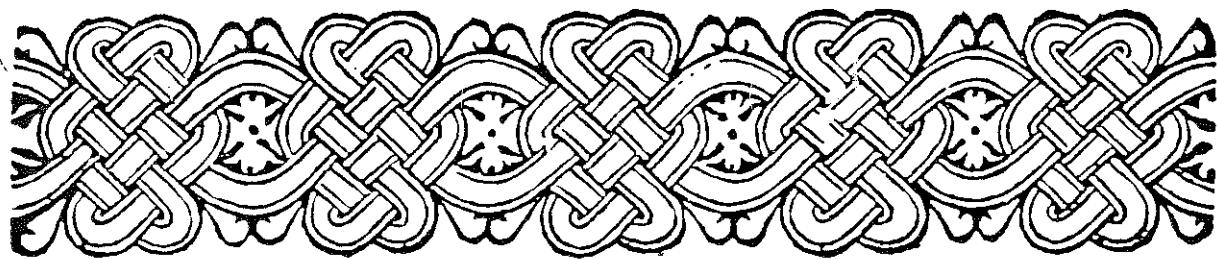
Si supieras que avancé por muchos caminos
y en tí quisiera detenerme,
no desearía alejarte.

Si supieras que en tu libertad
anhelo ver la mía,
lucharías por romper tus cadenas.

Si supieras..., tantas cosas,
vislumbrarías un futuro multicolor.

XVI

(1982)



Este baptizo, mulher, no nome da nova sociedade
que desde hoje terá o apelativo de sociesfera.
Tu serás a sua imagem
e apregoarás às outras mulheres seu conteúdo.
Serás mensageira da dimensão feminina.
E a tua voz escutarão-na
as sedentas por uma nova senda,
as esperançadas por novas estruturas,
as desilvididas por tantas histórias mal vividas.
E no meridiano dos dias vindouros,
tu verás o fruto do teu esforço.

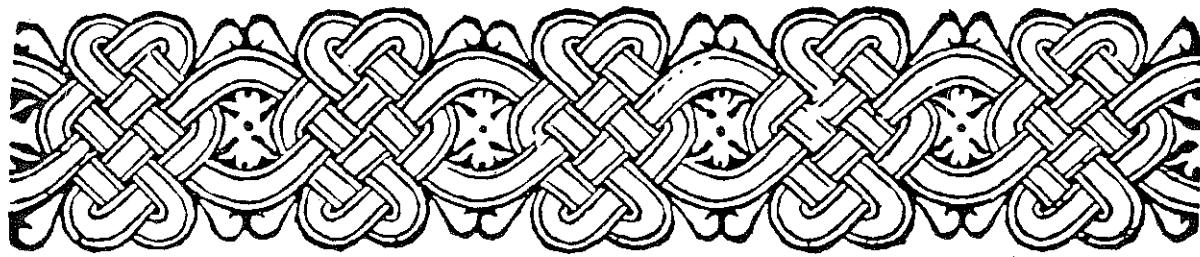
Alegra-me, mulher, a tua decisão
de te abandonares como objecto
e acitares-te como sujeito.
Regotija-me o teu entusiasmo
por vivires alegremente sem condicões.
Extasia-me o teu convencimento
de lutas por realidades despejadas
sem máscaras nem protagonismos.
Satisfaze-me a tua predisposição
para entregas infinitas,
sem esperares palavras afagadoras
ou frases agradecidas.
Alvoroça-me a tua seguidade e confiança,
sem aguardares contrapartidas.
Compraze-me saber tua predisposição
para laugares-te ao coscos
e anunciaras às tuas companheiras
a terra escolhida.

Te bautizo, mujer, en nombre de la nueva Sociedad,
que desde hoy tendrá el apelativo de Sociesfera.
Tú serás su imagen
y preguntarás a otras mujeres su contenido.
Serás mensajera de la dimensión femenina.
Y tu voz te la escucharán
las sedientas por una nueva senda,
las esperanzadas por nuevas estructuras,
las desilusionadas por tantas historias malvindas.
Y en el meridiano de los días venideros,
tú verás el fruto de tu esfuerzo.

Me alegra, mujer, tu decisión
de abandonarte como objeto
y de asumirte como sujeto.
Me regocija tu entusiasmo
por vivir alegremente sin cortapisas.
Me ensalzana tu convencimiento
de luchar por realidades despejadas
sin caretas ni protagonismos.
Me satisface tu predisposición
hacia entregas infinitas,
sin esperar palabras halagadoras
o frases agradecidas.
Me alboraza tu seguridad y confianza,
sin aguardar contrapartidas.
Me complace saberte predisposta
para lanzarte al cosmos
y anunciar a tus compañeras
la tierra elegida.

XVII

(1983)

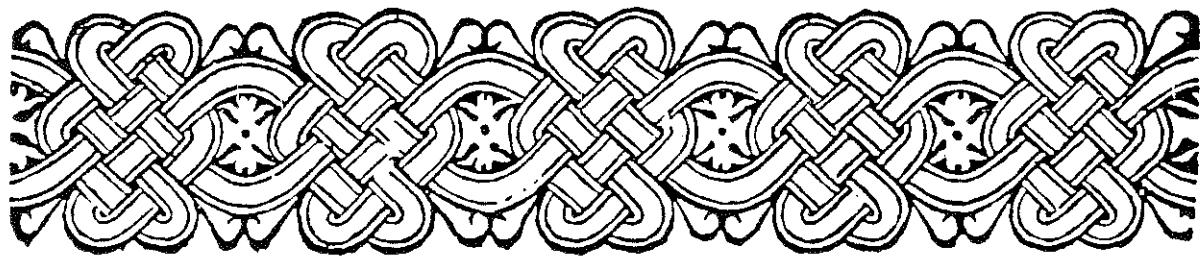


Amaus-los
embora não sejamos amados.
Mas não te de cuidado,
irmão,
porque a tua palavra
e a minha estão
além do tempo,
vividas pelas ondas.
E quando não respiremos,
algum dia nos manterá vivos
através do recordo.

Les queremos
aunque no seamos queridos.
Mas no importa,
hermano,
porque tu palabra
y la mía están
fuera del tiempo,
unidas por las ondas.
Y cuando no respiremos,
alguien
nos mantendrá vivos
a través del recuerdo.

XVIII

(1984)



As horas te marcam
pelo trabalho rotineiro.
Mas tu, companheiro,
imprimes-lhe o selo
da tua simpatia.

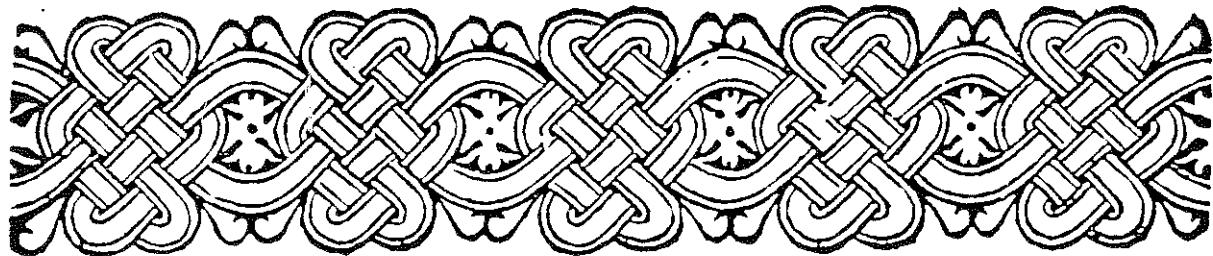
O tempo fará a sua pegada
mas tu não des por isso,
já que no sulco
está a tua eternidade
com as vivências internas
de puro lirismo.

Las horas te marcan
por tu trabajo rutinario.
Mas tú, compañero,
le imprimes el sello
de tu simpatía.

El tiempo hará su huella
pero a tí no te importa,
ya que en el surco
está tu eternidad
con las vivencias internas
de puro lirismo.

XIX

(1985)



Venho de muitas sendas.
Mas em ti quero parar-me
Esquecer a atadura do mundo
e achar uma razão de existência.

Unir-me aos teus latidos.
Compartir o teu alento.
Olhar através dos teus olhos.
Ser extensão dos teus sentidos...

Nascer e morrer através de ti.
Pensar na tua paz.
Viver para tua esteira.
E adorar-te em liberdade plena.

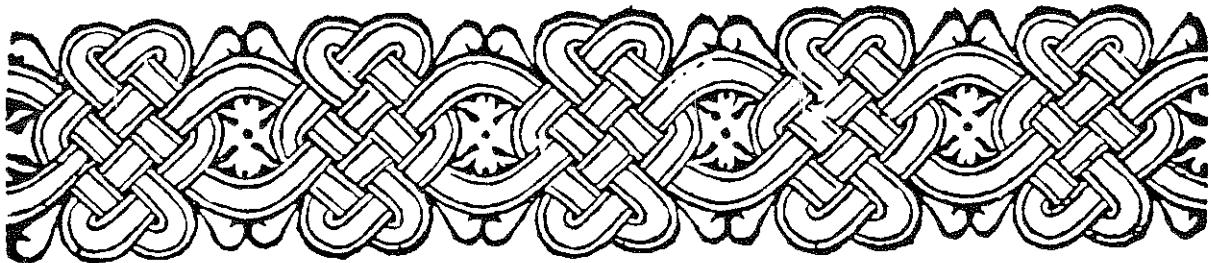
Vengo de muchas sendas.
Mas en tí quiero pararme.
Olvidar la atadura del mundo
y encontrar una razón de existencia.

Unirme a tus latidos.
Compartir tu aliento.
Mirar a través de tus ojos.
Ser extensión de tus sentidos...

Nacer y morir a través tuya.
Pensar en tu relajo.
Vivir para tu estela.
Y adorarte en libertad plena.

XX

(1986)



Fui a levo aqui,
ao lado,
vamos juntos
pela vida.

Fui a falso da cintura.
Durante horas passeamos.
Sussurro-lhe no seu ouvido.
Não lhe tenho medo.
Ela me conta coisas.
Fui a mimoseio
qual companheira da amanhã.

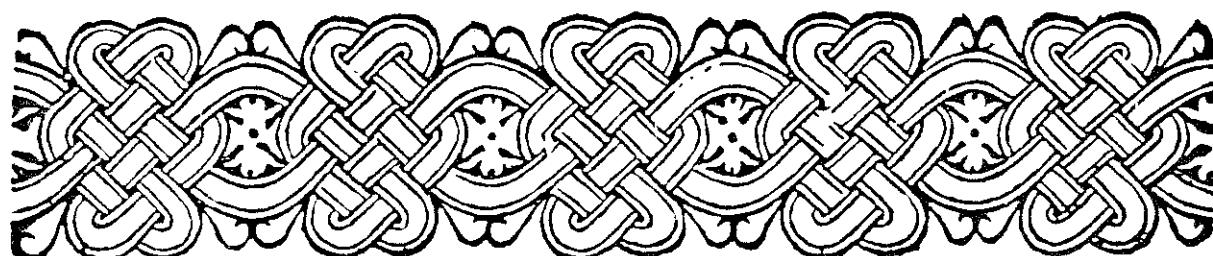
Fui a levo aqui,
olhem-na...
Todos a desprezam,
mas ela me encanta.
Através dela, vivo,
encontro a verdade
e ensina-me
as delícias diárias...

La llevo aquí,
al lado,
vamos juntos
por la vida.

La cojo por la cintura.
Durante horas paseamos.
Le susurro a su oído.
No le tengo miedo.
Ella me cuenta cosas.
Y yo la mimosa
miel compañera del mañana.

La llevo aquí,
miradla...
Todos la desechan,
pero a mí me encanta.
A través de ella, hago,
encuentro la verdad
y me enseña
las delicias diarias...

INDICE



Introducción/Introduçao	5
I	9
II. ¿Quién soy?/Quem sou?	13
III	17
IV	21
V. Nueva cifra en mi vida/Nova cifra na minha vida	25
VI. Poeta-soldado	29
VII. De la capital a la aldea/Da capital à aldeia	33
VIII	37
IX. Dulzura/Doçura	41
X	45
XI	49
XII	53
XIII	57
XIV	61
XV	65
XVI	69
XVII	73
XVIII	77
XIX	81
XX	85

CIERRE

La presente edición se concluyó de imprimir, bajo el patrocinio del Polo Industrial de Huelva, en los talleres de Artes Gráficas Girón, de la ciudad onubense, siendo el día 25 de abril de 1987.